

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL - UNINTER
CURSO DE BACHARELADO EM SERVIÇO SOCIAL**

**RONALDO ABÍLIO DA SILVA QUEIROZ
RU: 2599105**

**SUICÍDIO E SERVIÇO SOCIAL - O PAPEL DO ASSISTENTE SOCIAL NA
PREVENÇÃO AO SUICÍDIO.**

**ITAPEVA
2022**

RONALDO ABÍLIO DA SILVA QUEIROZ

**SUICÍDIO E SERVIÇO SOCIAL - O PAPEL DO ASSISTENTE SOCIAL NA
PREVENÇÃO AO SUICÍDIO.**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina e Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso - OTCC, do curso de Bacharelado em Serviço Social do Centro Universitário Internacional UNINTER, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Profa. Especialista Márcia de Mattos Fonseca

ITAPEVA

2022

RONALDO ABÍLIO DA SILVA QUEIROZ - 2599105

**SUICÍDIO E SERVIÇO SOCIAL - O PAPEL DO ASSISTENTE SOCIAL NA
PREVENÇÃO AO SUICÍDIO.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, apresentado à disciplina de Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso - OTCC, do curso de Bacharelado em Serviço Social do Centro Universitário Internacional UNINTER / Curitiba-PR, como requisito final para a obtenção do título de Bacharel.

Aprovado em: ____ de _____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Professor 1 (Titulação e nome completo)
Instituição 1

Professor 2 (Titulação e nome completo)
Instituição 2

Professor 3 (Titulação e nome completo)
Instituição 3 (Orientador)

Este trabalho é dedicado à memória de meu pai, que com certeza estaria muito orgulhoso e desejaria muito presenciar esse meu momento.

AGRADECIMENTOS

Registro aqui a importância de dedicar agradecimentos, pois nenhum dos processos de produção de conhecimento deve acontecer com um sujeito singular, e sim, de forma coletiva.

Agradeço, primeiramente, á Deus, a razão da nossa existência, a razão que permite alguém ser. O glorifico aqui por tanto me abençoar nessa jornada e me prover de energia e perseverança para concluir todo esse trabalho. Escreveu Paulo: “A tudo, dai graças” (1 Tessalonicenses 5:18), e assim seja. Devemos ser gratos a Deus em todas as circunstâncias e não por todas as circunstâncias.

Agradeço à minha mãe, a pessoa mais importante da minha vida, que me deu não só o dom do viver, mas também o amor, e sempre me incentivou durante esses anos que estive na faculdade. Graças ao seu amor, esforço e luta, seu filho está aqui, nesse momento.

Agradeço ao meu finado pai, minha figura, por todos os anos que pude compartilhar a sua presença e por todo o esforço que empreendeu junto com minha mãe para criar a mim e ao meu irmão. Embora fossemos mundos à parte, embora volta e meia nossas visões de vida entrassem rota de colisão, foste sempre minha referência. E onde quer que você esteja, você está aqui, no meu coração.

Agradeço ao meu irmão, inestimável companheiro, e que assim como nossa mãe, sempre me incentivou e indiretamente contribuiu para que esse trabalho se realizasse.

Agradeço a todos os meus bons amigos da minha cidade natal, Itapeva – SP, que me deram apoio, incentivo, força e alegria durante esta caminhada.

Agradeço à Prof.^a Rosiele, por todo o apoio que sua supervisão acadêmica me proporcionou durante toda minha trajetória nesse curso, por todas as dúvidas

que me foram sanadas e por todas às vezes que me auxiliou com seus apontamentos essenciais.

Agradeço à Prof.^a Especialista Márcia de Mattos Fonseca, minha orientadora de TCC, por cada uma de suas sugestões e correções pontuais que me forneceu e que foram capitais para a elaboração, organização e conclusão desta monografia.

Agradeço à UNINTER e à coordenação do curso de Serviço Social, pelo empenho dos professores com as videoaulas e da instituição com os livros e materiais de estudo, sempre dispostos a nos ofertar um ensino de qualidade, que refletirá no nosso atuar profissional.

Menciono aqui também, nesses agradecimentos o nobre idealizador do curso de Serviço Social da Uninter, o seu saudoso Coordenador, Prof. Dorival da Costa (in memoriam), o qual, por meio de sua notável dedicação, competência e persistência, fez com que o curso alcançasse a um patamar antes inimaginável e que obtivesse nota máxima no Mec.

Enfim, agradeço a cada uma das pessoas que foram partícipes dessa etapa decisiva e marcante de minha vida, especialmente aos supervisores de campo de estágio que tive, que me transmitiram sua experiência, conhecimento e sensibilidade, o que foi de valor inestimável para minha formação.

Meu agradecimento especial é endereçado a mim mesmo. Agradeço a mim por não ter desistido e ter encontrado forças mesmo quando estava tudo tão difícil e não ter esmorecido diante de tantas dificuldades.

Muito obrigado a todos!

"- O suicídio tanto pode ser afirmação da morte como negação da vida. Tanto faz.

- É mentira. E vou explicar: o suicida é aquele que perdeu tudo, menos a vida".

(Fernando Sabino, 1995, p. 194.)

RESUMO

O suicídio é um fenômeno de delicada complexidade e multifatorial, datado desde os tempos mais antigos da civilização e possuiu, ao longo da história, significados e muitas abordagens distintas. O número de casos de suicídio no mundo por ano chega à marca de um milhão. Embora seja um problema enquadrado como uma questão de saúde pública, o que o é de fato, não por isso não deve ser visto por outras dimensões que impactam diretamente no contexto, como é a questão social, o foco principal de atuação do Serviço Social. Para obter os dados necessários para a elaboração deste trabalho foram feitas diversas pesquisas bibliográficas, que foram baseadas principalmente em obras e estudos de autores importantes e consagrados que versaram sobre o assunto, como Émile Durkheim e Karl Marx, bem como realizar um diálogo entre outros marcos teóricos de uma gama de autores acadêmicos que elaboraram trabalhos e artigos pertinentes a este tema. Desse modo, ficou caracterizado através dessa pesquisa que o suicídio tem relação estreita com o aspecto social e por essa razão, o presente trabalho visa contribuir com a discussão acerca de como a questão social incide nessa problemática e as possibilidades de atuação e enfrentamento pelo profissional assistente social.

Palavras-chave: Serviço Social. Suicídio. Questão Social. Capitalismo. Assistente Social. Prevenção.

ABSTRACT

Suicide is a phenomenon of delicate complexity and multifactorial, dating from the oldest times of civilization and has, throughout history, meanings and many different approaches. The number of suicide cases in the world per year reaches the mark of one million. Although it is a problem framed as a public health issue, which it is in fact, it should not be seen by other dimensions that directly impact the context, such as the social issue, the main focus of Social Work. In order to obtain the necessary data for the elaboration of this work, several bibliographic researches were carried out, which were mainly based on works and studies of important and established authors who dealt with the subject, such as Émile Durkheim and Karl Marx, as well as a dialogue between other milestones. theorists from a range of academic authors who have produced works and articles relevant to this topic. Thus, it was characterized through this research that suicide is closely related to the social aspect and for this reason, the present work aims to contribute to the discussion about how the social issue affects this problem and the possibilities of action and confrontation by the social worker.

Keywords: Social Work. Suicide. Social issues. Capitalism. Social Worker. Prevention.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABEPSS	Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social
ABP	Associação Brasileira de Psiquiatria
CAPS	Centros de Atenção Psicossocial
CFESS	Conselho Federal de Serviço Social
CRAS	Centro de Referência em Assistência Social
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana da saúde
PNAS	Política Nacional de Assistência Social
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DO SUICÍDIO	16
2.1 DEFININDO O SUICÍDIO	18
2.2 O SUICÍDIO NAS ÓTICAS DE DURKHEIM E MARX	20
3 QUESTÃO SOCIAL, CAPITALISMO E SUICÍDIO.	24
3.1 A QUESTÃO SOCIAL E SUA RELAÇÃO COM SUICÍDIO	24
3.2 CAPITALISMO E SUICÍDIO	26
4 SERVIÇO SOCIAL E SUICÍDIO.	29
4.1 A ATUAÇÃO DO ASSISTENTE SOCIAL NA PREVENÇÃO AO SUICÍDIO – NA ASSISTÊNCIA SOCIAL E NA SAÚDE MENTAL	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.	34
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	36

1 INTRODUÇÃO

A presente Monografia tem como objeto tratar a respeito do tema do suicídio e sua relação com o Serviço Social e que forma o profissional assistente social contribui com a prevenção ao suicídio.

O seu objetivo é apontar as possibilidades e como se dá o trabalho do assistente social frente a esse contexto. E não somente isso, mas também satisfazer a outros objetivos mais específicos, como trazer uma ótica social para o problema do suicídio, o caracterizando também como uma das expressões do agravamento da questão social oriundas do sistema capitalista de produção.

O problema abordado na presente monografia é, portanto, demonstrar como as expressões da questão social incidem sobre esse tema e também como se realiza a atuação do profissional assistente social no atendimento e orientação para prevenção do suicídio.

Quanto à Metodologia empregada, registra-se que, em sua fase de investigação, este trabalho foi fundamentado em criteriosa pesquisa, conforme o referencial teórico disponível na literatura especializada, embora isso também se mostrou uma dificuldade por não haver tanta produção científica sobre o tema no campo do Serviço Social.

A pesquisa desta monografia seguirá duas linhas principais de produção intelectual. A primeira linha é Questão social e trabalho, onde através dos conhecimentos extraídos das fontes levantadas sobre este tópico, buscará se compreender a questão social como produto oriundo das contradições do sistema capitalista, bem como, os impactos relacionados com a produção e a reprodução da riqueza e concentração de renda tem para agravar as desigualdades entre os indivíduos e como isso reflete na problemática do suicídio. A segunda linha é Formação Profissional e Espaço sócio-ocupacionais, que trabalha os princípios e diretrizes da formação profissional e as relações de trabalho no Serviço Social, bem como, a interdisciplinaridade na formação profissional frente às transformações no mundo globalizado e as expressões da questão social¹.

¹ Este item está baseado no regulamento para a elaboração do trabalho de conclusão de curso do bacharelado em Serviço Social. UNINTER, 2022. 58 p.

Define-se por pesquisa, toda atividade empenhada para chegar a um conhecimento específico. Uma atividade de caráter científico, onde através do seu emprego, se vislumbra a realidade. Minayo (2008, p.180) expressa que a pesquisa é "a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade". Por intermédio da realização da pesquisa se alimenta a produção de conhecimento científico, em níveis teóricos e práticos, bem como para analisar e refletir sobre o mundo em diferentes aspectos, desde socioeconômicos e culturais à políticos e psicológicos. Consonante a essa definição, Demo (2006, p.16) diz: "a pesquisa não é um ato isolado intermitente, especial, mas atividade processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem".

Demo (2008) ainda ressalta a qualidade intrínseca do emprego da pesquisa, que nos permite descobrir a realidade. Outro ponto a se destacar é que pesquisa também pode ser uma denúncia. A pesquisa serve ao propósito de substanciar e comprovar o conhecimento existente. A matéria que constitui o conhecimento é provisória e devido a isso, as teses elaboradas precisam ser comprovadas com solidez de dados e argumentação consistente. Assim nos aponta Sposati (2007, p. 17), "o social é sempre uma construção, portanto, é grafado pela relação espaço-tempo. Todo conhecimento é perene até que um novo conhecimento demonstre sua falência".

Faz-se pertinente salientar também, à luz de Veroneze (2020, p.143) que cada área do saber e da ciência possuem maneiras diferentes de obter suas conclusões e dispõem de modos distintos para conceber os resultados de suas respectivas pesquisas. Ciências Naturais, exatas e tecnológicas possuem métodos de pesquisa que se diferenciam das Ciências Humanas e Sociais, já que tem suas particularidades quanto às concepções de teoria, método e técnicas de estudo e levantamento de dados e informações. Portanto, há formas e metodologias diferentes para serem empregadas quando se propõe uma pesquisa.

O método científico pode ser caracterizado como um conjunto de procedimentos adotados para os quais um pesquisador consegue produzir um novo conhecimento científico, integrá-lo, ou atualizá-lo, mediante o emprego de sua pesquisa e dos resultados e informações por ela obtidas.

A importância do método científico para a evolução da ciência é essencial. Através dele, a pesquisa tem seu conteúdo salvaguardado da mera subjetividade,

bem como vieses que o pesquisador possa nela desenvolver. À luz dessa afirmação, Freitas (2007, p.45) expressa que “Todos sabemos que o método é essencial em uma pesquisa – depois de identificado o problema. Problema e método têm uma relação direta”. É o método científico que direciona a pesquisa, subsidiando-a com conhecimentos válidos e de valor científico. Não há como construir ciência sem haver método.

Para realizar essa pesquisa foi utilizado o método crítico-dialético, teoria social crítica amplamente adotado no Serviço Social, formulado a partir do materialismo histórico-dialético proposto por Marx em suas obras. Esse método se caracteriza por ser eminentemente teórico, onde são feitas análises, principalmente de teor comparativo entre ideias e pensamentos de diferentes autores, para com isso, construir uma cadeia de argumentos sólidos, lógicos e fundamentados para se chegar a uma conclusão. Isso está em concordância com o apresentado nas diretrizes curriculares da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), que destaca que um dos princípios da formação profissional de um assistente social é a:

adoção de uma teoria social crítica que possibilite a apreensão da totalidade social em suas dimensões de universalidade, particularidade e singularidade, pois, este será um profissional que irá atuar diretamente nas expressões da questão social [...] a partir de políticas sociais públicas, empresariais, de organizações da sociedade civil e movimentos sociais [...] com capacidade de inserção criativa e propositiva, no conjunto das relações sociais e no mercado de trabalho [...] comprometido com os valores e princípios norteadores do Código de Ética do Assistente Social (ABEPSS, 1999, p. 1).

A abordagem deste trabalho majoritariamente qualitativa, opção essa que nos permitirá compreender a complexidade e os detalhes das informações obtidas para a composição deste projeto a respeito da problemática do suicídio. Bem como, segundo Gil (2008, p.50), a pesquisa qualitativa "é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos". A respeito disso, Martinelli destaca:

Nessas pesquisas, ao invés de trabalharmos com grandes cronologias, o fazemos de forma mais localizada. Trabalhamos com fatos de forma a poder aprofundar tanto quanto possível a análise, e não para conhecê-los apenas de uma forma sumária, a partir de uma primeira apresentação (MARTINELLI, 1999, p.22).

Optou-se por adotar a pesquisa do tipo descritiva, que além de ser a mais utilizada nas produções científicas, é a que mais se encaixou ao propósito desta monografia, já que seu conteúdo é constituído de análises a partir de estudos já realizados sobre o fenômeno do suicídio, utilizando como fontes os pesquisadores que abordaram este tema, bem como os princípios constitucionais e fundamentos da profissão Serviço Social.

Veroneze (2020, p. 163) aponta "Por meio do conhecimento já sistematizado, pode se expor, classificar, interpretar e descrever esses dados, fazendo ou não o uso de variáveis", e depois, na sequência a estes procedimentos, apresentar as conclusões obtidas com a pesquisa. Uma das maiores vantagens de adotar esse modelo de pesquisa é a possibilidade que ela oferece de aprofundar os conhecimentos já existentes, bem como gerar novos olhares sobre o tema, fomentando a produção teórica a respeito, o que está perfeitamente alinhado com os objetivos específicos desse presente trabalho.

Para obter os dados necessários para a elaboração desta monografia foram feitas diversas pesquisas bibliográficas, que foram baseadas principalmente em obras e estudos de autores importantes e consagrados que versaram sobre o assunto, como Emile Durkheim e Karl Marx, bem como realizar um diálogo entre outro marcos teóricos de uma gama de autores acadêmicos que elaboraram trabalhos e artigos pertinentes a este tema.

Partindo dos conceitos apresentados pelos autores escolhidos, o trabalho busca discutir o fenômeno do suicídio através de uma análise da literatura disponível sobre o suicídio, sua relação com o agravamento da questão social e como o Serviço Social pode intervir, na perspectiva do assistente social, no enfrentamento deste problema.

Sob o ponto de vista dos objetivos deste trabalho, o caráter da pesquisa é descritivo como mencionado anteriormente, visando proporcionar mais informações sobre o tema, a partir do estudo do mesmo sob diversas óticas, através de levantamentos bibliográficos, bem como análises de conteúdos que facilitem a compreensão do assunto em questão. Já quanto aos procedimentos técnicos adotados para a sua elaboração foram em suma pesquisas bibliográficas, onde se fez necessário o levantamento, bem como a análise e a utilização de materiais já publicados, dentre eles, livros, revistas, jornais, artigos, teses, sites, etc.

Para tanto, este trabalho se dividirá em quatro partes, cada capítulo representando a sua parte respectiva. Principia-se, no Capítulo 1, realizar uma contextualização sócio-histórica concisa a respeito de como o suicídio atravessou a história e as mudanças pelas quais passou a sua abordagem, bem como das definições a respeito do suicídio, para melhor entendermos como esse fenômeno ocorre e as diferentes visões sobre ele.

No Capítulo 2, será tratada a relação do problema suicídio com a questão social, o caracterizando como uma de suas expressões em situação de agravamento, em sequência, no capítulo 3, será analisado e caracterizado os reflexos do capitalismo para o aumento da incidência de suicídios na sociedade. Para isso, os trabalhos de Émile Durkheim e Karl Marx serão os principais norteadores de reflexões e análises, bem como artigos de personalidades acadêmicas que versaram sobre o tema.

No Capítulo 4, será abordada a relação do Serviço Social com o problema do suicídio e como o profissional assistente social pode atuar na prevenção deste, suas possibilidades e desafios.

Nas considerações finais, será sintetizada a essência dessa pesquisa e se fará um reforço à importância deste tema no Serviço Social e o incentivo a sua discussão, para quanto mais contribuir para melhorar a realidade frente a esse problema.

Portanto, o presente trabalho se propõe a realizar também uma revisão de literatura, com o propósito de caracterizar o suicídio como um fenômeno social, sendo uma expressão da questão social, no seu agravamento, oriundo dos reflexos negativos do sistema capitalista.

O Serviço Social se estabelece como uma profissão produtora de conhecimento e geradora de intelectuais, interventora da realidade na qual está inserida, de modo que exerce impacto na sociedade, seja ele direto ou indireto. Sua origem é fruto de uma construção histórica, em movimento dialético que incidiu na civilização, e da materialidade advinda desse processo, do qual profissionais extraem o objeto de suas pesquisas (VERONESE, 2020). Portanto, é da intencionalidade deste trabalho também aprofundar as considerações sobre o tema, analisando com base na produção teórica existente ainda hoje bastante escassa, e assim identificando as possibilidades para a atuação do assistente social na prevenção ao suicídio.

2 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DO SUICÍDIO

Por muito tempo o suicídio era um assunto intocável nas mídias sociais. A veiculação de notícias, conteúdos e a proposição de discussões sobre o suicídio foram retiradas da reflexão e do conhecimento público, numa tentativa de minimizar a exposição do tema e assim conter a incidência do ato no comportamento de repetição (FERREIRA, 2019). Porém, com a elevação dos índices de suicídios coletivos nos últimos tempos, se tornou imprescindível debater o problema e ponderar suas implicações, a fim de encontrar meios de empoderamento social e compreensão dessa problemática delicada.

[...] na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. [...] o modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência (MARX, 2008).

O suicídio é um fenômeno que atravessa a humanidade e é algo que se faz presente nas relações sociais. Cada época da história possui formas diversificadas de compreendê-lo e significá-lo, como em alguns casos, era visto como uma forma de romper com as angústias do cotidiano, ou ainda de fugir das opressões de um determinado grupo social (SANTANA, et al, 2015).

Desde a antiguidade, já estavam presentes relatos em diversas fontes e culturas, até mesmo em episódios narrados nos livros sagrados da religião cristã (Bíblia) e muçulmana (Alcorão). Há personagens bíblicos importantes que tem seus atos suicidas relatados, como é o caso de Saul e Sansão, por exemplo. Embora nestes casos a conotação atribuída ao ato não era condenatória, e sim de heroísmo ou de preservação da honra (BERTOLOTE, 2012; MACEDO 2013). E até mesmo personagens como o profeta Jonas, que demonstrou um comportamento que pode ser considerado equivalente à ideação suicida.

Como dito acima, essas passagens não recebiam condenação alguma no texto bíblico, mas a partir do século VI, a igreja passa a expressar uma posição rigorosamente contrária ao ato, o condenando com veemência e o comparando a prática homicida (BERTOLOTE, 2012).

Já na Grécia antiga, o indivíduo que expressasse a vontade de tirar a própria vida deveria primeiro se submeter essa vontade à análise do senado, para este julgar ou não a autorização. O indivíduo precisava realizar a defesa de seus motivos para tal desejo, e se o pedido fosse deferido, o ato poderia ser realizado sem qualquer tipo de contestação e era legitimado (PALHARES, 2003).

Quanto aos romanos, não havia unanimidade de posicionamento para esse tema. Tanto havia rejeição como admiração e respeito pelo ato (MINAYO, 2005). Durante esse período, as variantes para condenar o suicídio refletiam questões políticas ou econômicas. Se eram relacionadas a cidadãos comuns, não havia punição, desde que havendo um motivo cabível qualquer (DE OLIVEIRA, 1994). As mortes injustificáveis remetiam à de soldados e escravos, justamente por causa de interesses políticos e econômicos intrínsecos, já que resultavam em perdas para os proprietários e para o Estado (PALHARES, 2003).

Durante o Cristianismo a visão condenatória sobre o suicídio foi se ampliando progressivamente, até tornar totalmente contrário a esse ato e o deplorando com veemência, tendo como principal expoente dessa visão, Santo Agostinho:

Nos quatro primeiros séculos do cristianismo, pode-se dizer que houve um longo período de ambiguidade interpretativa. A partir de então, o discurso da Igreja Católica se tornou totalmente contrário a esse ato, e os suicidas passaram a sofrer um processo de interdição absoluta. O discurso de Santo Agostinho, por exemplo, os condena terminantemente dizendo que ninguém tem o direito de espontaneamente se entregar à morte sob o pretexto de escapar aos tormentos passageiros, sob pena de se mergulhar nos tormentos eternos. Segundo esse teólogo, o suicídio contraria o sexto mandamento da Lei de Deus: “Não matarás” e por isso é um ato condenável e criminoso (MINAYO, 2005, p. 217).

Com o avanço dos ideais iluministas no século XVIII, ocorrem mudanças significativas na forma como se trata o tema da morte voluntária, embora já no século XVII, com o avanço da medicina, já se vislumbre o suicídio como uma doença somática, relacionada ao humor depressivo.

Somente no século XX passa a ser considerado uma questão de saúde mental, o que culmina por incitar o desenvolvimento de pesquisas em múltiplas áreas, como na Psiquiatria, Psicologia, Filosofia e Ciências Sociais. Atualmente o suicídio é considerado um problema de saúde pública, sendo uma das dez principais causas de óbitos no mundo. Aproximadamente 800 mil pessoas morrem por suicídio todos os anos (uma a cada 40 segundos, no Brasil é uma a cada 45 minutos) e um

número ainda maior de indivíduos tenta o suicídio, cerca de 16 milhões de tentativas por ano (OPAS, 2021). Segundo dados de um estudo direcionado pela Unicamp, estima-se que 17% da população brasileira já tenham pensado em se matar pelo menos uma vez na vida (BOTEGA, 2014).

A respeito do contexto sócio-histórico do suicídio aqui apresentado, pudemos observar e constatar as diferentes mudanças que acompanham os momentos históricos e sociais relacionados a questão da morte voluntária. Diante essas circunstâncias expostas, no qual os indivíduos encontram-se, é preciso dizer que configuram decisivas na maneira destes agirem sobre o mundo. Refletir sobre essas concepções acerca deste tema nos ajudam a compreender os motivos da polemização quanto à violência auto infligida, pois o suicídio passa a ter um significado atrelado ao fracasso e a vergonha, o que originou o tabu em torno deste problema.

2.1 DEFININDO O SUICÍDIO

Por ser um fenômeno de delicada complexidade e multideterminado, o suicídio acaba tendo diferentes definições, variando conforme a esfera de análise, tornando-o um conceito polissêmico, entretanto, como o seu uso é algo habitual no cotidiano, o não aprofundamento do seu significado sócio-histórico pode gerar equívocos teóricos e práticos. Por isso, serão abordadas diversificadas aproximações metodológicas do fenômeno, para, assim, elucidar a essência do que seria de fato o suicídio, com base o arcabouço teórico disponibilizado por outros autores sobre este tema (LIMA, 2019).

É possível dizer que é consenso a etimologia do termo suicídio. Ele pode ser definido como um ato intencional e consciente executado pelo próprio indivíduo com finalidade terminal, ou seja, de tirar a própria vida, se valendo de meios letais. Algumas definições, por exemplo, apontam o suicida como o responsável exclusivo pela violência auto infligida.

Entretanto, tais definições são, de certo modo, parciais e não satisfazem plenamente as motivações por trás do ato, nem os propósitos deste trabalho, visto que desconsidera os aspectos biopsicossociais que o envolvem, pois uma definição exclusiva gera uma conceituação reducionista e limitante dos elementos que motivam o suicídio (MELEIRO et al., 2004). Tampouco diferencia o suicídio praticado

por um indivíduo portador de doenças psíquicas, para o suicídio de um indivíduo que se encontra no controle de sua iniciativa, mesmo que abalado psicologicamente e ainda sim, decide tirar a própria vida. Qual a razão para esta pessoa assim proceder?

Por assim ser, abordar o tema do suicídio em nossa sociedade exige de nós uma postura bastante aberta, bem como, um olhar amplificado diante das causas e condições que envolvem a consumação de tal ato, pois mesmo quando a pessoa opta por tirar a vida, não necessariamente isso expressa o desejo de morrer por morrer. A ambivalência é um aspecto marcante no comportamento suicida. E devido a isso, a morte é vista como a única forma que esta pessoa vislumbrou de resolver definitivamente seus conflitos interiores e os efeitos nocivos destes e, o que muitas vezes, os faz acreditar que no suicídio encontrarão a paz que tanto procuram e necessitam (CASSORLA, 1984).

Na maioria das vezes, o suicídio é o desfecho para um sofrimento prolongado, não percebido e alimentado por transtornos mentais como a depressão e outras doenças psíquicas. E essa definição da Associação Brasileira de Psiquiatria/ABP (2014), casa perfeitamente com a primeira menção feita por Desfontaines a respeito do suicídio, em 1737, conforme nos confirma Tureki (1999 apud Elsing, 2009, p.54). Assim fica expresso que o suicídio é um ato deliberado e voluntário, que apresenta diversos fatores para o seu cometimento.

Mas apesar de ser um tema amplamente mais relacionado à saúde pública, já que a maioria dos casos remetem à transtornos mentais (JUNIOR, 2021), o suicídio também apresenta um forte componente social em sua incidência, que é o que ficará evidenciado neste trabalho. E por esta razão, o suicídio apresenta-se como passível de intervenção do Serviço Social, já que este também se configura como uma expressão da questão social, uma consequência trágica do seu agravamento. Desta forma se fazem pertinentes abordagens, estudos, análises e reflexões nessa linha, principalmente quando olhamos, não somente para a questão clínica/psíquica, que a priori é a mais vista, mas para as diversas questões que perpassam ou estruturam a consumação desse ato (BARBAROI, 2019).

Pois, embora reconhecida como importante a compreensão da dimensão psicológica do suicídio não é este o objetivo desta monografia, mas sim entender e demonstrar como fatores sociais incitam a ocorrência do suicídio. Portanto, o que atende a finalidade deste trabalho é analisar o ato voluntário e deliberado de subtrair

sua existência e feito conscientemente pelo indivíduo, descartando mortes voluntárias relacionadas à decisões patriotas, religiosas, ou quaisquer outras, como por exemplo, suicídios praticados por pessoas que não tinham consciência do ato suicida.

2.2 O SUICÍDIO NAS ÓTICAS DE DURKHEIM E MARX

Émile Durkheim (1858-1917), considerado pai da sociologia científica, é talvez o mais importante autor que abordou a temática do suicídio num estudo técnico abrangente. Para o sociólogo francês, apesar de o suicídio parecer algo relacionado apenas a esfera individual, o fenômeno por si é caracterizado como um fato social² e totalmente influenciado pelo estado em que a sociedade em que o indivíduo o comete está inserido.

Para Durkheim (2000, p.11), “chama-se suicídio toda morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato positivo ou negativo realizado pela própria vítima”. Em seu trabalho, ele caracteriza o ato como um fenômeno social, fruto de uma desarmonia na relação indivíduo com a parte social, e qualquer sociedade está sujeita a gerar um número de suicídios: “cada sociedade tem, portanto, em cada momento de sua história, uma disposição definida para o suicídio” (DURKHEIM, 2000, p. 19). O autor exprime que o homem é um fragmento social e se constitui a partir do contato com o meio em que vive (SANTANA, et al, 2015).

Partindo do princípio que a abordagem da questão deveria ocorrer no âmbito sociológico e não de forma individual, abordou o estudo de maneira empírica, buscando encontrar as causas que estavam ocasionando as mortes voluntárias, que poderiam ser diversas, como religião, profissão, educação, estado civil, lugar onde se vive, etc.

Durkheim observou que a mortalidade por suicídio era maior em sociedades com laços sociais mais frágeis, bem como o componente principal para a ocorrência do fenômeno: a coesão social. Para o sociólogo, ficou evidente o fator social é determinante no agravamento desse problema, já que ficam especificados os tipos

² “É fato social toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior ou, ainda, que é geral em uma determinada sociedade, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais. Os fatos sociais existem fora dos indivíduos, mas são interiorizados e passam a existir em suas consciências. São externos porque foram transmitidos socialmente aos indivíduos” (ALMEIDA, 1994).

de suicídios e suas causas como de natureza social, bem como, a falta ou excesso de integração do suicida com a comunidade. A quebra dos vínculos humanos e a ruptura desses laços sociais ocasionam esse desequilíbrio que resulta como efeito no suicídio, condição que toda sociedade está sujeita.

O indivíduo é dominado por uma realidade moral que o ultrapassa: é a realidade coletiva. Ao vermos que cada povo tem uma taxa de suicídios que lhe é pessoal, que essa taxa é mais constante do que a da moralidade geral, que, se ela evolui, é segundo um coeficiente de aceleração próprio a cada sociedade, que as variações pelas quais ela passa-nos diferentes momentos do dia, do mês, do ano não faz mais do que reproduzir o ritmo da vida social (DURKHEIM 2000, p.6).

Durkheim expressa que a causa do suicídio estava na própria sociedade, da necessidade das pessoas em corresponder às normas por ela impostas. Assim, ao ser confrontado com esse panorama, o indivíduo se desconecta do desejo de viver enxergando na morte uma forma de romper o desespero gerado por essa relação conflituosa entre o eu e coletivo. O ímpeto de autodestruição se origina desse dilema do indivíduo e a sociedade, devido a não satisfação de suas expectativas sociais, tendo como consequência a perda do desejo de viver e conviver na mesma.

É a relação entre indivíduo e as normas que o levam ao suicídio; trata-se de fenômenos individuais que respondem as causas sociais, a “correntes suicidógenas” de distinto tipo que estão presentes na sociedade. Assim sendo, esse ato extremo, exasperado, de aparente individualismo que é o suicídio pode ser tema da sociologia (DURKHEIM 2000, p.26).

Segundo sua etimologia, havia três tipos de classificação para o suicídio: o egoísta, o altruísta e o anômico, que é relacionado ao contexto socioeconômico. O primeiro, o suicídio egoísta, deriva da baixa integração do indivíduo com laços grupais e valores compartilhados em sociedade, o que resultaria num estado de profundo desalento do mesmo, já que este não vê mais sentido em continuar vivendo. O segundo tipo, o suicídio altruísta, diferentemente do primeiro, não decorre do isolamento social, mas sim, de uma identificação tão exacerbada com determinados grupos que a existência individual perde prioridade, o indivíduo se sacrifica, devido a causas que professa crer ou por pressões coletivas (por religião, ideologias ou em guerras). Já o último tipo, denominado suicídio anômico, derivado

do termo "anomia"³, ocorre quando há uma considerável perturbação da ordem coletiva, onde se verifica uma condição de ausência de regras. Geralmente são típicos de sociedades em crise ou em transição histórica radical (SANTANA, Crisley Buqueroni et al, 2015).

Karl Marx (1818-1883) por sua vez aborda o suicídio com questionamentos bastante interessantes, principalmente se levarmos em conta que na época em que foi publicado o artigo, não existiam outras teorias relevantes sobre o tema, como a obra de Durkheim, por exemplo.

Marx não somente abordou a questão do suicídio, baseando-se principalmente em documentos de um diretor do arquivo policial francês, Peuchet, mas também aproveitou para fazer deste trabalho uma crítica total e contundente a sociedade burguesa, apontando que o suicídio é o sinal de uma sociedade doente e que necessitava de transformação radical.

Para Marx, a sociedade moderna é solitária e exclui o indivíduo dos outros, evidenciando que as mortes voluntárias são mais um dos sintomas da luta social geral (MARX, 2006). Ou seja, todo conflito interno que os indivíduos desenvolvem é sempre um reflexo da realidade em que estes vivem em sociedade. Seja a realidade mais universal político-econômica, que molda as estruturas na qual nós nascemos já inseridos, seja no caráter mais particular de nossas identidades e rotinas de vida, das quais vamos receber essas estruturas e lidar com elas, somos todos sujeitos divididos enquanto o mundo for um mundo dividido.

Marx também alertava para o impacto da questão social no número anual dos suicídios:

deve ser considerado um sintoma da organização deficiente de nossa sociedade; pois, na época da paralisação e das crises da indústria, em temporadas de encarecimento dos meios de vida e de invernos rigorosos, esse sintoma é sempre mais evidente e assume um caráter epidêmico. A prostituição e o latrocínio aumentam, então, na mesma proporção. Embora a miséria seja a maior causa do suicídio, encontramos-lo em todas as classes, tanto entre os ricos ociosos como entre os artistas e os políticos. A diversidade das suas causas parece escapar à censura uniforme e insensível dos moralistas (MARX, 2006, p.23-24).

Sintetizando o raciocínio acima, entende-se que o índice de suicídios, observado no decorrer dos processos históricos até a maturação do sistema

³ O termo anomia é definido por Durkheim como uma desarmonia social ocasionada pela relação do homem com as normas socialmente impostas e a capacidade dele emergir de acordo ela. A disjunção desse processo provoca um desequilíbrio coletivo (DURKHEIM, 2000; SANTANA, Crisley Buqueroni et al, 2015).

capitalista, serve para demonstrar que as contradições inerentes deste sistema é o fato gerador de desequilíbrio social vivenciado pelos indivíduos em sua totalidade histórica, o que resulta em crescentes taxas de mortes voluntárias, a ponto de se parecer natural essa situação, banalizando o valor da vida humana (LIMA, 2019).

Não é correto e nem sensato resumir o suicídio a um fato isolado ou um problema de iniciativa individual exclusivamente. A complexidade das estruturas que compõem e organizam a sociabilidade moderna encarcera os sujeitos em relações interpessoais cada vez mais fragmentadas e vazias. Marx pondera:

Cada indivíduo está isolado dos demais, é um entre milhões, numa espécie de solidão em massa. As pessoas agem entre si como estranhas, numa relação de hostilidade mútua: nessa sociedade de luta e competição impiedosas, de guerra de todos contra todos, somente resta ao indivíduo é ser vítima ou carrasco. Eis, portanto, o contexto social que explica o desespero e o suicídio. A classificação das causas do suicídio é uma classificação dos males da sociedade burguesa moderna, que não podem ser suprimidos [...] sem uma transformação radical da estrutura social e econômica (MARX, 2006. p. 16).

"Antes de tudo, é um absurdo considerar antinatural um comportamento que se consuma com tanta frequência" (MARX, 2006), é precípua concordar a respeito dessa expressão, de que tal ato, realizado pelo indivíduo, não poderia jamais ser algo que fosse instrumentizado para "demonizá-lo", já que este não é um ato que torna a pessoa outra coisa, se não humana, aliás, "demasiada humana", fazendo uma referência paralela à Nietzsche. Não há nada nisso para ser condenado como antinatural. É exatamente o contrário: isso demonstra e escancara qual é a natureza da sociedade que nós estamos inseridos, uma sociedade contaminada pelo agravamento da questão social, bem como a banalização que o capitalismo de matriz neoliberal trouxe à vida humana, e a que ponto este nos leva, ou a que ponto este nos subtrai.

Enfatiza-se nesse trabalho que o aumento dos índices de morte voluntária nada mais é que uma das expressões do surgimento e consolidação do sistema capitalista, bem como, de seus modelos de gestão adotados ao longo dos anos (como é o caso do neoliberalismo, que agora se encontra em crise). A natureza da tendência ao suicídio está diretamente associada às dinâmicas das relações burguesas, no conflito da divisão social de classes, que marca o antagonismo que resume o modo de produção capitalista.

Acrescenta-se aqui que para Marx, o sofrimento também tem forte relação com a posição de classe na qual estamos inseridos. Agora, o mais determinante sobre isso, é a forma como cada sujeito vai poder tratar do seu sofrimento. Quais as possibilidades estarão à disposição da classe trabalhadora e quais a disposição da classe dominante? O desafio em questão, para gerar uma sociedade mais justa e igualitária é romper com esse paradigma e possibilitar que todos e todas tenham acesso aos melhores cuidados de forma universal.

3 QUESTÃO SOCIAL E CAPITALISMO E SUICÍDIO.

3.1 A QUESTÃO SOCIAL E SUA RELAÇÃO COM SUICÍDIO

Apesar de reconhecidos os impactos sociais na problemática do suicídio, a discussão sobre essas determinações a ele relacionadas ainda é deveras incipiente não só no país, como no âmbito do Serviço Social, onde ainda há pouca exploração do tema, pouca produção de conteúdos sobre o assunto. Por esta razão, se faz necessário ampliar os espaços de discussão sobre esta temática, compreendendo este delicado fenômeno como um problema não apenas de saúde pública, embora seja tratado com mais ênfase na esfera médica (BARBAROI, 2019).

Para aprimorar o debate a respeito do suicídio suscitado por este presente trabalho, é fundamental elucidar alguns pressupostos teóricos que são importantíssimos para a compreensão desse tema. Como é o caso da definição da questão social, termo que é utilizado por teóricos há mais de um século. Conceituá-la é uma tarefa difícil, dado a complexidade que o termo implica. Por não se tratar de uma categoria social, não permite um exame das suas singularidades mais tangíveis e de forma objetiva (MEIRELLES, 2018). Portanto, deve ser assimilada como conceito essencialmente reflexivo e intelectual, não como uma categoria específica (SANTOS, 2008). Iamamoto traz a definição do conceito de questão social, caracterizando-o como um reflexo oriundo do sistema capitalista:

a Questão Social é apreendida como um conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que têm uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos se mantém privada, monopolizada por uma parte da sociedade (IAMAMOTO, 1998, p.27).

Numa perspectiva crítica, a questão social é um fenômeno específico da sociedade capitalista e se originou na Europa, no século XIX, sobretudo a partir 1830. Surgiu com o intuito de exigir políticas sociais propositivas em benefício da classe operária, que estavam adentrando crescentemente na pobreza e na miséria, impactados pela primeira onda industrializante no continente europeu. Esse período histórico assinalou o movimento de consolidação da classe operária europeia, bem como, processos progressivos de pauperização do trabalho. Os países europeus enfrentavam uma condição de grande empobrecimento econômico, situação contrastante com o que acreditavam do capitalismo quanto a ser um sistema favorável às condições de vida para todos, até mesmo para a classe dos trabalhadores.

É importante frisar o papel determinante do desenvolvimento do sistema capitalista no tocante à questão social, já que este sistema é o que origina, desdobra e agrava suas expressões. Naquele momento, o capitalismo estava em um estágio concorrencial: a exploração dos trabalhadores tinha como responsável as empresas que concorriam para ampliar seus lucros, esse contexto culminou na designação da questão social evidenciou pela primeira vez a pauperização provocada pela lógica exploratória capitalista, onde a pobreza crescia diretamente ligada ao aumento da capacidade social de produzir riqueza e acumulá-la (NETTO, 2011).

O conceito de questão social permite que possamos assimilar as contradições da dinâmica capitalista, restaurando elos entre indivíduo e sociedade, assim como, a relação entre subjetividade e sociedade. A questão social não fica limitada apenas a determinação dos conflitos entre capital e trabalho, mas também conflitos subjetivos do indivíduo, originários da sua interação com o sistema, o que se volta para o sofrimento social resultante da alienação por ele provocada.

A síntese dessa definição mostra a questão social como um conjunto de desigualdades da sociedade e que nela ressoam, como por exemplo: a pobreza; questões étnicas, de raça e de gênero; desemprego; a precarização do trabalho; a violência; a falta de efetivação dos direitos sociais; o adoecimento mental da população; a banalização da vida e das relações sociais, entre outros, bem como também, a elevação dos índices de suicídios.

Durkheim (2000) apontou em sua obra “O suicídio”, de 1897, baseado em dados levantados sobre a taxa de suicídio na Europa da época, a sociedade, isto é,

a organização das relações sociais e seus reflexos, como fator de peso para influenciar um indivíduo a consumir o ato suicida. É possível “observar a relação existente entre os impactos dessas expressões com o adoecimento mental das pessoas e o fenômeno social que é o suicídio” (DA SILVA RAMOS, 2020). Pois, a realidade social vivenciada pelo indivíduo repercute em várias esferas de sua vida, inclusive no aspecto da saúde mental.

Embora em sua obra, Marx, não faz menção alguma ao termo questão social propriamente dito, a base de sustentação teórica do conceito que é matéria-prima do Serviço Social (além de ser fruto das lutas protagonizadas por movimentos da classe trabalhadora pela consolidação de direitos), vem da interpretação da “Lei geral da acumulação capitalista, descrita no capítulo 23 de seu livro “O capital””. Enquanto há ênfase na valorização do capital pelo sistema, à medida que a tendência acumulativa se avoluma e prevalece, se expande inevitavelmente também a exploração do trabalho, o que conseqüentemente se configura numa das expressões da questão social, expressão essa que é uma das que tem mais impactos sobre os indivíduos quanto a condição de declínio da saúde mental (MEIRELLES, 2018).

A lei que mantém a superpopulação relativa ou o exército industrial de reserva no nível adequado ao incremento e à energia da acumulação [...] determina uma acumulação de miséria correspondente à acumulação de capital [...] acumulação de riqueza num polo é ao mesmo tempo acumulação de miséria (Marx, 1984, p.749).

3.2 CAPITALISMO E SUICÍDIO

O capitalismo não é só um modo de produção, um sistema econômico, é também uma superestrutura ideológica firmemente estabelecida globalmente, e essa superestrutura atua para a manutenção desse sistema que se funda na desigualdade (VIDIGAL e GONDIM, 2019). A sociedade capitalista se alimenta de constantes contradições por esta fabricadas. O número de suicídios é uma delas. Marx (2006) classificou o fenômeno, sobretudo, "como sintoma de uma sociedade doente", que necessita de uma transformação radical. O suicídio deve ser reconhecido como uma realidade que exprime que o sistema capitalista de produção possui debilidades e deficiências, por ele próprio sustentadas e mantidas, as quais

culminam em levar o indivíduo a renunciar a sua própria existência, dado ao esmiuçar de suas expectativas (LIMA, 2019).

Marx indagou a respeito "Que tipo de sociedade é esta, em que se encontra a mais profunda solidão de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um desejo implacável de matar a si mesmo, sem que ninguém possa prevê-lo?" (MARX, 2006). Este é o retrato da sociedade capitalista burguesa, onde as mercadorias são sujeitos e as pessoas apenas o predicado. Onde ser humano é alienado de sua individualidade, se torna apenas função. Onde a circulação de dinheiro, moeda, crédito e produtos, são livres, rápidas e eficazes. E a circulação de pessoas é limitada por terem menos dessas mercadorias que eles mesmos produziram, é limitada pelo seu gênero, pela sua etnia e por sua nacionalidade.

O capitalismo se estabelece como um sistema de caráter predatório, cuja velocidade de acumulação de riqueza é diretamente proporcional à velocidade que este amplifica a miséria e a degradação humana, bem como do meio ambiente também. As crises se sucedem nesse sistema, e não somente crises da esfera econômica e financeira, "mas crises de valores éticos, sociais e humanos que produzem descrença, desconfiança e medo ante ao futuro" (BARBAROI, 2019).

Devido a isso, o suicídio deve ser considerado como uma expressão das contradições de nosso tempo, que são oriundas do sistema capitalista de produção, com seu viés na acumulação de capital e no caráter superexploratório do trabalho, na manutenção da desigualdade social e no declínio da qualidade de vida para a maioria das populações (SCHNITMAN et al., 2010). São também reflexos das crises do sistema, fortemente agravadas pelo avanço do Neoliberalismo e a decadência de sua gestão, bem como mais recentemente pela pandemia de Covid-19 (SARS-CoV-2), que, entre outros fatores determinantes, vêm intensificando as expressões da questão social no mundo inteiro, já que é perceptível que o número de casos de suicídio aumenta nos períodos de crise social e econômica, como é o caso (GREFF et al., 2020; BANERIEE et al., 2021).

As crises que o capitalismo provoca, entretanto, ao invés de serem uma exceção são a regra sobre a qual o sistema capitalista está sustentado. Dado a sua condição hegemônica no contexto geopolítico global e suas características, o sistema capitalista de produção vem produzindo uma série de crises cíclicas que formam parte das condições de sua perpetuação. Essas crises trazem

consequências impactantes na qualidade de vida das populações, como já foi citado anteriormente (NETTO, 2012).

O avanço do capitalismo trouxe consigo modificações marcantes na dinâmica da sociedade, que passaram a influenciar nas relações entre os indivíduos. As consequências provocadas pelas sucessivas crises do sistema capitalista como instabilidade financeira, elevação do desemprego e dos níveis de pobreza, as pessoas ficando propensas à falência, isso evidencia uma grande desintegração social. Essa sensação de desamparo, desespero e desalento tende a gerar condições propícias que desencadeiam fenômenos sociais, entre elas, o fenômeno do suicídio, já que este também é uma expressão do agravamento da questão social. Para Durkheim (2000) essas perturbações desencadeadas potencializam o suicídio, pois o indivíduo sentindo-se impotente diante das alterações e desequilíbrios da ordem coletiva encontra na morte voluntária uma forma de resolver as aflições ocorridas pelo contexto social que vivenciou.

Cassorla (2017) exemplifica que assim como quando ocorreu a quebra da bolsa de valores em 1929, épocas que marcam grandes crises econômicas tendem a elevar as estatísticas de suicídio. Conforme progredem e tem seguimento essas crises cíclicas do capitalismo, outros distúrbios tendem a se instalar, como deterioração familiar, aumento das taxas de desemprego, miséria, uso abusivo de álcool e entorpecentes, enfim, as mais diversas expressões da questão social que culminam em ideações e tentativas de suicídio.

Nesse momento em que a sociedade é abalada por repentinas mudanças, por crises das mais diversas fontes e por uma pandemia que ainda não foi contida e tem gerado inúmeros efeitos negativos na população, sejam eles na saúde ou de reflexos socioeconômicos, o sofrimento do indivíduo surge frente o desamparo e a falta de perspectivas, culminando no declínio da saúde mental e no aumento do suicídio (FERREIRA, 2019). Não somente isso, mas a essência acumulativa do sistema capitalista onde há predominância de um individualismo nocivo, o desejo e a procura descontrolada por conquistas para satisfazer a imagem pessoal, a desvalorização completa do eu frente ao materialismo, bem como a alienação por ele produzida, são fatores que também incidem e favorecem o aumento nas taxas de suicídios (MARX, 2006).

Com o predomínio global do modelo de gestão neoliberal do capitalismo, os sujeitos foram resumidos a meros consumidores. A vida dos seres humanos vale

apenas o quanto podem consumir. Vale muito a vida dos mais abastados, vale pouco a vida dos que tem baixo poder aquisitivo e não vale nada a vida dos que padecem na miséria, que é a realidade produzida por este sistema e modelo de gestão exploratório. O poder de consumo se tornou para muitos um sinônimo de felicidade, de pertencimento, quem pode se sentir feliz e quem não pode se entristecer e adocece mentalmente, subtraindo da vida o sentido, levando muitos ao suicídio, como expressa o psicanalista Christian Dunker, "o Neoliberalismo não é só uma teoria macroeconômica. É também um dispositivo psicológico aliado a um discurso moral aplicado à produção de sofrimento para se obter desempenho" (SAFATLE et al, 2021).

4 SERVIÇO SOCIAL E SUICÍDIO.

4.1 A ATUAÇÃO DO ASSISTENTE SOCIAL NA PREVENÇÃO AO SUICÍDIO – NA ASSISTÊNCIA SOCIAL E NA SAÚDE MENTAL

Como já apontado anteriormente neste trabalho, o suicídio adquire dentro da sociabilidade capitalista uma expressão específica, sendo resultante das contradições geradas pela forma que a sociedade está organizada nesse sistema e os reflexos nele originados e que impactam na ordem coletiva. Por esta razão, o problema não pode ser enfrentado apenas no âmbito da saúde mental, mas também em outros âmbitos, como é o caso da esfera social. E é nessa esfera que se encaixa o Serviço Social enquanto profissão atuante, através da figura que a representa, o assistente social.

Os países que vêm obtendo sucesso no enfrentamento do suicídio utilizam estratégias que envolvem setores diversos tais como imprensa, educação, saúde, assistência social, segurança pública, ONGs e as famílias. Cada um desses setores e pessoas envolvidos pode cumprir um papel importante em sua área de atividade. As ações têm mais sucesso quando são feitas de forma combinada entre pessoas de diferentes setores por meio da rede. Cada um cumpre um papel específico nas várias etapas da prevenção e controle do suicídio (MOURA, 2011, p. 23).

A atuação do Serviço Social diante a problemática do suicídio se dá em diversas frentes. Considerando a dimensão político-ideológica, "a profissão se insere

na luta pela emancipação humana através da procura pela construção de uma nova ordem societária” (LIMA, 2019). Entretanto, outra dimensão essencial para o enfrentamento desse problema é a dimensão técnico-operativa, que é concretizada no cotidiano da profissão, principalmente no trabalho realizado junto aos usuários vítimas de tentativas de suicídio ou semelhantes, assim como suas famílias (LIMA, 2019).

Os assistentes sociais possuem um papel de suma importância no atendimento para a orientação e o controle do suicídio, visto que tem essa proximidade com os usuários em situação de vulnerabilidade social, e trabalham na identificação, prevenção e encaminhamento para a rede sócio-assistencial, bem como realizam uma escuta qualificada dessas demandas, despida de preconceitos e estereótipos.

Albuquerque pontua:

Para uma compreensão do suicídio por uma perspectiva crítica, devemos nos distanciar de uma centralidade imediata e busca-la nas relações do indivíduo com a sociedade e com o próprio fenômeno enquanto construção histórica e social (ALBUQUERQUE, 2018, p.36).

É possível inferir dessa passagem a percepção sobre a figura do assistente social e a importância de sua intervenção, considerando-o um perfil profissional sensível para perceber com celeridade situações de ideação suicida, já que o mesmo tem o seu foco de atuação na análise crítica das expressões da questão social.

A literatura especializada a respeito do suicídio indica que muitas vezes, as pessoas com ideação suicida procuram ajuda antes de uma tentativa. Diversas categorias profissionais podem realizar o primeiro contato com indivíduos que apresentam comportamento suicida, porém, não se sentem plenamente competentes para agir, já que não sabem para quem ou para onde encaminhar essas pessoas. Ao contrário do assistente social, que é um profissional totalmente habilitado para constatar essas situações de risco, sua capacidade de identificar e articular com a rede de apoio resulta no devido encaminhamento destes casos, bem como a melhor intervenção possível.

Neste sentido, os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) são a principal unidade da política de assistência social, bem como um dos mais

predominantes campos de atuação do assistente social. Como porta de entrada para os serviços de assistência social, nos CRAS os assistentes sociais podem realizar essas articulações com profissionais da Saúde da Família, dos CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) e dos hospitais de emergência, bem como dos demais integrantes que compõem a rede de prevenção e controle do suicídio (MOURA, 2011). Através dessa articulação em rede, bem como por sua rotina vivenciada nos CRAS, em unidades de saúde, ou em outras instituições, coloca os assistentes sociais em contato constante com pessoas em situação de risco para o suicídio. Sua sensibilidade para o problema e sua capacidade de integração à rede local de prevenção e controle podem contribuir muito mais significativamente no processo de identificação e acolhida, para assim, corretamente encaminhar para tratamento as pessoas em situação de vulnerabilidade.

Dentre as situações de vulnerabilidade social que tem relação com o suicídio, podem-se destacar: a desagregação e violência familiar; crianças e adolescentes nas ruas, em abandono ou vítimas de abusos e maus tratos; idosos sem convivência familiar ou que sofrem abandono e maus tratos; e pessoas que fazem uso abusivo de álcool e/ou de outras drogas. Essas situações constituem um quadro de grande vulnerabilidade em função do desenvolvimento de depressão, desesperança, desamparo, desespero, que constituem os “4 D”, que ajudam a identificar as pessoas em situação de risco para o suicídio (MOURA, 2011, p. 37-38; Brasil, 2006).

Sendo assim, considera-se que a inserção de assistentes sociais em serviços e redes voltadas para ações de enfrentamento do suicídio se faz bastante pertinente, já que estes contribuem com uma melhor compreensão acerca dos fatores sociais que culminam nesse fenômeno, pois conforme também apontou Martinelli (2011, p.499), “[...] trabalhamos com pessoas vulnerabilizadas que nos pedem um gesto humano: um olhar, um sorriso, uma palavra, uma escuta atenta, um acolhimento, para que possam se fortalecer na sua própria humanidade”, assim como, fortalecer seus laços de convivência comunitária.

Ao colocar em prática suas competências profissionais, estabelecidas pelo projeto ético-político da profissão (CFESS, 1993), assumem um compromisso com a qualidade do atendimento, garantia de direitos e universalidade do acesso à saúde, assistência social, renda, segurança alimentar, entre tantas outras necessidades sociais dos indivíduos e famílias. Para além da sensibilização e promoção do acesso aos direitos sociais, os assistentes sociais contribuem para a formação de redes de proteção — fundamentais para a prevenção ao suicídio (JUNIOR, 2021).

O espaço de trabalho na saúde mental foi possibilitado para o Serviço Social a partir da reforma psiquiátrica que ocorreu na década de 70, já que este movimento foi imbuído de uma formação sociopolítica, o que conseqüentemente, gerou a necessidade de profissionais que atuassem nessas áreas. Muitas desses profissionais da saúde tiveram que se adaptar à nova realidade, o assistente social foi um desses casos, já que este também a integra.

No ano de 1999, os assistentes sociais foram caracterizados como profissionais da saúde⁴ pela resolução do CFESS nº383/99, um marco importantíssimo que possibilitou a inclusão destes profissionais nas equipes de saúde mental, apoiando serviços que prestam atendimento às demandas relacionadas ao suicídio. Embora seja bom ressaltar que desde a década de 1980, os assistentes sociais compõem a equipe mínima de saúde mental, juntamente com os psiquiatras e psicólogos. Foi nesse período que o usuário passou a ser enxergado em sua totalidade, não levando em consideração somente a ótica médica quanto à questão do suicídio, mas atentando-se também ao contexto social, o que tornou possível uma abordagem psicossocial do mesmo.

Os assistentes sociais que atuam em serviços de urgência e emergência nos hospitais públicos estão numa posição especial para contribuir para o encaminhamento dos casos de tentativa de suicídio para a rede de prevenção e controle, assim como os familiares daqueles que suicidaram. Muitos casos de tentativa de suicídio nessas unidades deixam de ser notificados, e isso por falta de capacitação dos profissionais no sentido da compreensão da gravidade do problema e da necessidade de encaminhamento. (MOURA, 2011, p. 38).

Essa interação do Serviço Social com a Saúde Mental resultou em avanços para o tratamento dos pacientes, devido à natureza do trabalho do assistente social, que atua diretamente com as famílias, através de dinâmicas de grupo, visitas a domiciliares, entre outros, bem como, ser dum perfil profissional capaz de dar respostas relacionadas às questões sociais que muitas vezes, são as raízes destes transtornos mentais, empregando uma abordagem biopsicossocial neste contexto (ROCHA, 2021).

As atividades realizadas por esse profissional permitem que ele possa detectar questões importantes para o processo de reabilitação, questões

⁴ Contudo, é excelente esclarecer, que o assistente social não é um profissional de saúde, embora tenha atribuições para atuar nas unidades e integre a equipe mínima de saúde mental.

estas que podem estar ligadas à família, ao meio social na qual vive ou ao próprio transtorno mental (SOARES, 2006, p. 36).

Desde 2004 também, com a origem do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), instituído pela Política Nacional de Assistência Social (PNAS), as ações são baseadas em fundamentos similares aos do SUS, o que foi um fator facilitador para a integração dos assistentes sociais com os profissionais de saúde quanto à materialização de ações na prevenção e controle do suicídio (MOURA, 2011).

Um dos espaços de atuação do assistente social dentro da saúde mental são os CAPS. Os CAPS são serviços de saúde ofertados pelo poder público e são voltados aos atendimentos de pessoas com sofrimento psíquico ou transtorno mental, incluindo aquelas que sofrem com a dependência do álcool e entorpecentes. São instituições de caráter aberto e comunitário. O Ministério Da Saúde organiza as unidades conforme as necessidades de cada município.

OS CAPS SE CONSTITUEM NAS SEGUINTE MODALIDADES:

Caps I: Atendimento a todas as faixas etárias, para transtornos mentais graves e persistentes, inclusive pelo uso de substâncias psicoativas; atende cidades e ou regiões com pelo menos 15 mil habitantes.

Caps II: Atendimento a todas as faixas etárias, para transtornos mentais graves e persistentes, inclusive pelo uso de substâncias psicoativas; atende cidades e ou regiões com pelo menos 70 mil habitantes.

Caps I: Atendimento a crianças e adolescentes, para transtornos mentais graves e persistentes, inclusive pelo uso de substâncias psicoativas; atende cidades e ou regiões com pelo menos 70 mil habitantes.

Caps AD: Álcool e Drogas: Atendimento a todas as faixas etárias, especializado em transtornos pelo uso de álcool e outras drogas, atende cidades e ou regiões com pelo menos 70 mil habitantes.

Caps III: Atendimento com até 5 vagas de acolhimento noturno e observação; todas as faixas etárias; transtornos mentais graves e persistentes inclusive pelo uso de substâncias psicoativas; atende cidades e ou regiões com pelo menos 150 mil habitantes.

Caps AD III: Álcool e Drogas: Atendimento com 8 a 12 vagas de acolhimento noturno e observação; funcionamento 24h; todas faixas etárias; transtornos pelo uso de álcool e outras drogas; atende cidades e ou regiões com pelo menos 150 mil habitantes.

Caps AD IV: Atendimento a pessoas com quadros graves e intenso sofrimento decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas. Sua implantação deve ser planejada junto a cenários de uso em municípios com mais de 500.000 habitantes e capitais de estado, de forma a maximizar a assistência a essa parcela da população. Tem como objetivos atender pessoas de todas as faixas etárias; proporcionar serviços de atenção contínua, com funcionamento 24h, incluindo feriados e fins de semana; e ofertar assistência a urgências e emergências, contando com leitos de observação (BRASIL, 2022).

Nos CAPS, a atuação do assistente social é variável, conforme a demanda, mas sempre de acordo com os princípios profissionais norteadores, onde se busca

promover uma melhor qualidade de vida para esses usuários, com o foco numa relação mais direta, assim como, articulações em rede para viabilizar o acesso e usufruto de direitos por parte destes usuários (ROCHA, 2021).

Por fim, fica evidenciado que os assistentes sociais envolvidos com o trabalho de prevenção ao suicídio necessitam dispor de uma visão ampliada sobre essa questão e o que dela demanda, bem como e proposição de ações interventivas que atendam aos indivíduos em sua integralidade. Podemos concluir das informações aqui expostas, que o assistente social pode atuar com êxito no âmbito da saúde mental, por ser um perfil qualificado, cujo objeto de sua intervenção é justamente a questão social, que emite expressões políticas e socioeconômicas que são parte do cotidiano destes indivíduos, e que influenciam no tratamento e na vida deles, inclusive para o suicídio. Portanto, é imprescindível que a categoria abrace o desafio de se comprometer com o enfrentamento do suicídio. São profissionais aptos para atuar sobre os determinantes sociais do fenômeno e confrontá-los com o contexto atual, “fornecendo subsídios para que as políticas públicas sejam adequadas aos propósitos e necessidades dos usuários” (JUNIOR; 2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A partir do que foi exposto neste trabalho, com base na análise e sintetização das informações reunidas pela pesquisa documental realizada, foi demonstrado que o suicídio é um tema bastante complexo e multifatorial, bem como altamente relevante, principalmente no contexto atual. Ademais, ficou comprovado como sendo uma das expressões da questão social, originadas pelas crises e contradições do sistema capitalista e seus reflexos nas relações entre os indivíduos entre si e consigo mesmo. Por esta razão, entende-se que por assim o ser, o enfrentamento do suicídio é uma demanda recorrente aos assistentes sociais e não somente da área médica. Os assistentes sociais podem fazer a diferença e garantir o devido encaminhamento e a continuidade dos cuidados desses usuários em situação de risco e vulnerabilidade para os serviços de apoio cabíveis.

No decorrer desta monografia foram apresentadas definições do suicídio baseadas na literatura disponível, bem como sua caracterização como uma

expressão do agravamento da questão social proporcionada pelos impactos do capitalismo, e como o Serviço Social pode intervir, na perspectiva do assistente social, no enfrentamento deste problema. Visto que problemas oriundos ordem social refletem diretamente nos indivíduos e ocasionam adoecimento mental nos mesmos, o assistente social dado o seu foco profissional privilegiado é uma figura imprescindível, pois sua atuação direta com os usuários cujas demandas carecem de intervenção contribui substancialmente para as ações de prevenção e controle do suicídio.

Com base na análise do referencial teórico que norteou essa pesquisa, entende-se que o problema do suicídio precisa ser compreendido e abordado a partir de uma iniciativa multidisciplinar, superando paradigmas conservadores e meramente tecnicistas. Afinal, ficou perceptível como errôneo interpretar o fenômeno do suicídio como um ato isolado, sendo que este é um ato coletivo e que recebe forte influência das relações advindas da ordem coletiva (ALBUQUERQUE, 2018).

Por ser um tema recheado de tabus e preconceitos por áreas e profissionais que não se visualizam como parte atuante da rede de prevenção e do tratamento das vítimas, o suicídio se configura em um grande desafio para o Assistente Social, sem dúvidas. Ainda assim, o Serviço Social é designado componente da área da saúde e, por isso, há esse compromisso no enfrentamento dos índices de suicídio (LIMA, 2019).

Desta forma, conforme explicitado na metodologia, é da intencionalidade deste trabalho aprofundar as considerações sobre o tema, analisando com base na produção teórica existente, e assim identificando as possibilidades para a atuação do assistente social nas ações de prevenção e enfrentamento ao suicídio.

Portanto, este trabalho, de caráter elucidativo, se mostrou cadente e oportuno, pois os resultados nele obtidos e descritos serviram ao propósito não apenas de colocar em pauta e se debruçar sobre a questão do suicídio na ótica do Serviço Social, mas também para identificar a necessidade de maior produção de pesquisas e publicações com conteúdo teórico sobre esse tema e que sirvam de referência aos profissionais.

Espera-se, ainda que minimamente, que este trabalho possa contribuir com uma parcela significativa para reduzir essa lacuna que existe em relação a este tema, de produção científica ainda incipiente no Serviço Social, bem como servir à reflexão dos profissionais assistentes sociais, quanto ao fomento do debate sobre

esse tema, para assim aprimorar o seu papel intervenção multidisciplinar e consolidá-la.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALBUQUERQUE, W. A. D. A relação do suicídio com o trabalho na sociedade capitalista. Maceió: UFA 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/3569> Acesso em: 14 de abril de 2022.

ALMEIDA, João Ferreira de et al. Introdução à sociologia. 1994. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/10748> Acesso em: 07 de maio de 2022.

ABEPSS, Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Diretrizes Gerais para o curso de Serviço Social (Com base no Currículo Mínimo aprovado em Assembleia Geral Extraordinária de 8 de novembro de 1996). 8 de novembro de 1996. Disponível em: <http://www.abepss.org.br/diretrizes-curriculares-da-abepss-10> Acesso em: 03 de maio de 2022.

ABP - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. Suicídio: informando para prevenir. Conselho Federal de Medicina/CFM. 2014, 52p.

BANERJEE, Debanjan; KOSAGISHARAF, Jagannata Rao; RAO, T.S. Sathyanarayana. The dual pandemic' of suicide and COVID-19: A biopsychosocial narrative of risks and prevention. Psychiatry Research; v. 295; p. 577 – 583; 2021. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113577>

DO NASCIMENTO, Francisco Elenilton Rodrigues; ROCHA, Maria Graça Fonseca; DE LIMA SILVA, Ana Paula. A produção científica do serviço social na questão do suicídio. BARBARÓI, 2019. Disponível em:

<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/13045/8536> Acesso em: 09 de abril de 2022.

DA ROSA MANGINI, Fernanda Nunes; NUNES, Igor Sastro. **Suicídio e sofrimento social no capitalismo: desemprego e expressões da questão social. Barbarói, n. 58, p. 154-171, 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/download/15857/9583/0> Acesso em: 10 de abril de 2022.**

BERTOLETE, J. M. O suicídio e sua prevenção. São Paulo: Editora UNESP, 2012. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=KqbwDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT50&dq=related:ojCl-CaDE9UJ:scholar.google.com/&ots=gK_PD8Ojlp&sig=5wUjH8DAUCsPKI_w-ssEvutD1oE Acesso em: 08 de abril de 2022.

BOTEGA, Neury José. Comportamento suicida: epidemiologia. Psicologia Usp, v. 25, p. 231-236, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/HBQQM7PGMRLfr76XRGVYnFp/?format=html&lang=pt> Acesso em: 08 de abril de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Centro de Atenção Psicossocial - CAPS.** 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/caps> Acesso em: 10 de maio de 2022.

CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. O que é suicídio. São Paulo: Brasiliense, 1984. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:VqUqdSXsSQIJ:scholar.google.com/+CASSORLA,+R.+M.+S.+o+que+%C3%A9+suic%C3%ADdio&hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0,5 Acesso em: 05 de maio de 2022.

CASSORLA, R. M. S. Suicídio: Fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=ASxdDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=Suic%C3%ADdio:+Fator

[es+inconscientes+e+aspectos+socioculturais:+uma+introdu%C3%A7%C3%A3o.&ot s=ovU7e9EriJ&sig=B4n7V50yH9lqIEY3BrdRBid_kd4#v=onepage&q&f=false](#) Acesso em: 09 de maio de 2022.

DA SILVA RAMOS, Patrícia; **DA SILVA**, Celso Severo. **SERYICO SOCIAL**. 2020. Disponível em: <https://univisa.edu.br/wp-content/uploads/2021/08/21-Preven%C3%A7%C3%A3o-do-suic%C3%ADdio-no-Brasil-na-contemporaneidade-breve-an%C3%A1lise-numa-perspectiva-do-Servi%C3%A7o-Social.pdf> Acesso em: 12 de abril de 2022.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DE OLIVEIRA, Francisco. **Suicídio na Roma antiga**. *Máthesis*, n. 3, p. 65-93, 1994. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/mathesis/article/view/3710/3586> Acesso em: 08 de abril de 2022.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: Estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELSING, F. **Suicídio**: Uma revisão de Literatura. In Escudeiro, A.(Org.) Reflexões sobre Morte e Perda. Fortaleza, L.C. Gráfica e Editora, 2009.

FERREIRA, Isabela Antonia Rodrigues. **O Suicídio e o Serviço Social**. A Atuação do Profissional de Assistência Social Frente à Problemática. Crateús: Universidade Norte do Paraná, 2019.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Materialismo histórico-dialético**: pontos e contrapontos. In: II Seminário Nacional “o MST e a pesquisa”. Cadernos do ITERRA. Veranópolis. Ano VII – N14 – Dezembro, 2007. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/materialismo-historico> Acesso em: 04 de maio de 2022.

IAMAMOTO, Marilda. **O Serviço Social na Contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. São Paulo, Cortez, 1998.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GREFF, Aramita Prates et al. Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: suicídio na pandemia COVID-19. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. 24 p. Cartilha.

JUNIOR, Carlos Stavizki. SERVIÇO SOCIAL E SAÚDE MENTAL: A INCLUSÃO DE ASSISTENTES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Carlos-Junior-27/publication/353924310_SERVICO_SOCIAL_E_SAUDE_MENTAL_a_inclusao_de_assistentes_sociais_na_construcao_de_politicas_publicas_de_prevencao_ao_suicidio/links/611a4e621e95fe241ad51c6f/SERVICO-SOCIAL-E-SAUDE-MENTAL-a-inclusao-de-assistentes-sociais-na-construcao-de-politicas-publicas-de-prevencao-ao-suicidio.pdf Acesso em: 09 de abril de 2022.

LIMA, Lucas Mhatteus B. de. Suicídio como expressão da questão social: possibilidades para a atuação do serviço social. 2019. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/25757> Acesso em: 13 de abril de 2022.

MACEDO, A. A. O suicídio na pós-modernidade: Adentrando o mar sem fim. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicologia) - Faculdade do Vale do Ipojuca. Caruaru: FAVIP, 2013.

MARTINELLI, M. L. (Org). Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio. São Paulo. Veras, 1999.

MARTINELLI, Maria Lúcia. O trabalho do assistente social em contextos hospitalares: desafios cotidianos. Serviço Social & Sociedade, p. 497-508, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/9SbgQxd7Wm6WLGyQ9R5WbYN/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 10 de maio de 2022.

MARX, Karl. Sobre o suicídio. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política / Karl Marx; tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2 ed. – São Paulo : Expressão Popular, 2008 .

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. 9. ed. São Paulo: Difel, 1984. Livro I. v. I-II.

MEIRELLES, Giselle Ávila Leal de. Serviço Social e “questão social”: das origens à contemporaneidade. Curitiba: InterSaber, 2018 (Série Formação Profissional em Serviço Social).

MELEIRO, A. M. A. S.; TENG, C. T.; WANG, Y. P. Suicídio: estudos fundamentais. São Paulo: Segmento Farma, 2004.

MINAYO, M. C. S. Suicídio: violência auto infligida. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. p. 205-240.

MINAYO, M. C. de S. (Org). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis. Vozes, 2008.

MOURA, Anna Tereza Miranda Soares de et al. Prevenção do suicídio no nível local: orientações para a formação de redes municipais de prevenção e controle do suicídio e para os profissionais que a integram. 2011.

NETTO, José Paulo. Capitalismo monopolista e Serviço Social. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=t3MzDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=related:HwnJJjDRhGkJ:scolar.google.com/&ots=inVKX8HBrS&sig=QrYb0CeC_GtSszR_7oFgTA0q2n0
Acesso em: 11 de abril de 2022.

NETTO, J. P.; BRAZ, M. Economia Política: uma introdução crítica. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2012. Disponível em: <https://livrogratuitosja.com/wp->

[content/uploads/2021/03/Economia-politica-uma-introducao-critica.-Biblioteca-basica-de-servico-social-v.-1-by-Jose-Paulo-Netto-Marcelo-Braz-z-lib.org_.pdf](https://www.biblioteca.org.br/libris/content/uploads/2021/03/Economia-politica-uma-introducao-critica.-Biblioteca-basica-de-servico-social-v.-1-by-Jose-Paulo-Netto-Marcelo-Braz-z-lib.org_.pdf)

Acesso em: 13 de abril de 2022.

OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde). **Suicídio**. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio> Acesso em: 08 de abril de 2022.

PALHARES, P. A.; BAHLS, S. O suicídio nas civilizações: uma retomada histórica. Revista Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, n. 84-85, 2003.

REGULAMENTO para a elaboração do trabalho de conclusão de curso de Bacharelado em Serviço Social – modalidade EAD. Uninter, 2022. 58 p.

ROCHA, Antonia Adriana de Lima. O assistente social na saúde mental: espaços de atuação. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 03, Vol. 15, pp. 34-51. Março de 2021. ISSN: 2448-0959, Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/espacos-de-atuacao> Acesso em: 10 de maio de 2022.

SABINO, Fernando. O Encontro Marcado. São Paulo, Record; 98ª edição. 1995.

SCHNITMAN, G. et al. Taxa de mortalidade por suicídio e indicadores socioeconômicos nas capitais brasileiras. Rev. Baiana de saúde pública, Salvador, v. 34, p.44-59, 2010. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/TAXA-DE-MORTALIDADE-POR-SUIC%C3%8DDIO-E-INDICADORES-NAS-Schnitman-Kitaoka/79bb7d42cdba0994f251f83b830c77b3b077f990?p2df> Acesso em: 12 de abril de 2022.

SPOSATI, A. de O. Pesquisa e produção do conhecimento no campo do Serviço Social. Revista Katálysis. Florianópolis, v.10, n. especial, p. 15-25, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0210spe.pdf> Acesso em: 03 de maio de 2022.

SAFATLE Vladimir, **JUNIOR** Nelson da Silva, **DUNKER** Christian, (orgs). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autentica. 2000.

SANTOS, Josiane Soares. **Particularidades da “questão social” no capitalismo brasileiro**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/60920910/Livro_QuestAo_Social_-_Josiane_Soares20191016-86209-1pigocz-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1652118771&Signature=gh0xL9hDNHC05QhA6116gYtBbOwwEzGukltEGkji0iDTmdxRZOF5bDYwE6mcsrsRg8TYKIT2Nk6XyjuPupk08BaZ4~ogJp3ND6NdJvEmb84btvk7SNUYc7xD6e7u6z6lf3m~0306CbNg2lkiRn47jFFoWmSkC8B4nQZFa-1qOg9gPED5KEHKKwlel85C10NXnYmdSB741zp3C2BMTNjSldQB~ajOtdebm4qee~0wLgDsYp1KWE0UrZBN89KNEdaWguGdJSzD15KhUlygZEK0ntvtksRxMGscP45jiCKgjkYcVU~usjYlh90wnxVC-tGuzRqDms0BO-XAiBQTbHw_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA Acesso em: 08 de maio de 2022.

SOARES, Adriana Oliveira. **Serviço Social e saúde mental: a formação de uma prática ou uma prática em formação?** Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9543/9543_1.PDF. Acesso em: 10 de maio de 2022.

VERONEZE, Renato Tadeu. **Pesquisa em Serviço Social: dimensão constitutiva do trabalho do assistente social**. Curitiba: InterSaberes, 2020 (Série Formação Profissional em Serviço Social).

VIDIGAL, Ana Carolina, **GONDIN**, Pollyanna Rodrigues. **Desenvolvimento capitalista e o Serviço Social**. Curitiba: InterSaberes, 2019 (Série Formação Profissional em Serviço Social).